

VÊNUS: UMA DEUSA NÃO SÓ DO AMOR

ANA PAULA SANTANA FILGUEIRA*

ALMIR DE CARVALHO BUENO**

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo fazer uma análise sobre as diversas faces assumidas pelo culto a deusa romana Vênus, a fim de desmitificar a concepção de que este se resumiria apenas a sua adoração como deusa do amor e da sexualidade. Para isso partiremos de como se constituiu a religião pagã, elencando como se davam a relação entre os fiéis e seu panteão de deuses e deusas, indo de encontro a uma breve análise sobre como se deram os desdobramentos da historiografia quanto ao estudo da religiosidade romana até como esta sociedade adquiriu influências para a composição do culto a Vênus, levando em consideração sua capacidade de importar de culturas estrangeiras elementos culturais que de alguma forma viriam agregar algo a sua cultura, enriquecendo-a. Centraremos nosso debate nos rumos que o culto a deusa evidenciada tomou na época em que Caio Otávio César Augusto esteve à frente do Império Romano, quando este se utilizou do mito da origem de Roma e da popularidade que o culto a Vênus possuía em prol da consolidação da sua imagem, e da sua linhagem, como descendentes de uma personagem divina para justificar a sua soberania e o culto de adoração, que deveria ser-lhe prestado.

Palavras-chave: Vênus, Roma, Otávio Augusto

*Graduanda de Licenciatura em História da UFRN/CERES- Caicó e bolsista de Iniciação Científica/REUNI

** Professor Doutor do Departamento de História da UFRN/CERES-Caicó

1. Introdução

Os primeiros estudos relacionados à religiosidade romana se restringiam a ressaltar as diferenças entre a religião grega e romana, elencando sempre que esta civilização importou daquela a maioria dos seus elementos mitológicos e ritualísticos, ou na diferenciação entre o paganismo e o cristianismo, dando sempre maior notoriedade a este que aquele. As principais fontes para o estudo do referido tema são as impressões deixadas por essa civilização na arte.

As pinturas se constituíram na sociedade romana como elementos socialmente necessários. Era essencialmente uma forma de garantir um espaço dentro da sociedade, por isso era comum comprar pinturas e deixá-las expostas em locais onde todos pudessem vê-las, como na sala, por exemplo. De modo que:

“Quanto mais rico fosse o proprietário, mais visitantes e escravos teria. Quanto maior seu status social menos privacidade se tinha dentro do espaço doméstico. [...] as configurações arquitetônicas eram estabelecidas a fim de proporcionar ao passante uma visão panorâmica da maioria dos ambientes que compunham este local de habitação. Ao configurar desta forma a casa, o morador buscava oferecer aos pedestres uma visão privilegiada de seu poder econômico através da luxuosidade apresentada em diferentes localizações espaciais que compunham sua moradia.” (SANFELICE, p: 15)

No início do período imperial nota-se que os principais consumidores desses bens eram os comerciantes e libertos, objetivando prestígio e reconhecimento perante os demais agentes sociais romanos. Foi nesse período em que Otávio Augusto tentou reavivar as tradições antigas e fortaleceu o culto a deusa Vênus, com o intuito não de apresentá-la como a deusa do amor, mas como sua ancestral, a fim de firmar a origem divina da sua *gens*. Nessa versão, contada pelo poeta Virgílio, na sua obra *Eneida*, a deusa teria lançado raízes na terra, de modo que a uniria a linhagem Júlia, da qual Júlio César e Otávio Augusto eram descendentes.

O que se percebe nesse e em outros momentos da história romana é que a imagem de Vênus emerge conforme o que se necessita política, econômica, religiosa e culturalmente. Podemos constatar isso a partir de uma breve análise sobre como o culto a referida deusa chegou a Roma. O primeiro templo dedicado a ela foi construído após a Segunda Guerra Púnica, em 215 a. C.. Nele eram recebidas meretrizes e de tanta popularidade que ganhou foi consagrado até um dia a elas, o 23 de abril. Por outro lado, a imagem da deusa esteve ligada ainda a proteção da castidade feminina, jardins e campos. Seu culto ganhou tanta notoriedade entre o povo romano, que foram construídos inúmeros templos por todo o território de domínio dessa civilização.

Nesse sentido, propomos apresentar uma abordagem teórico-metodológica relacionada às expressões e singularidades do culto a Vênus, assumidas no período em que Otavio Augusto esteve afrente do governo de Roma, dando ênfase ao modo como sua imagem era representada na literatura e na arte.

2. O discurso historiográfico acerca da religiosidade romana

A civilização romana é conhecida pela sua engenhosidade para incorporar elementos estrangeiros que consideram que iriam adicionar algo a mais a sua cultura. Foi assim que se procedeu com relação à religião, conhecida pelo seu caráter politeísta e por ter em sua essência vários elementos importados da Grécia.

Ao problematizar esses aspectos é importante levar em consideração que as fontes utilizadas para a realização de estudos sobre essa e demais civilizações são derivados da elite, de forma a marginalizar os aspectos particulares das massas, obrigando o historiador, ao estudar esses grupos, exercer o papel de investigador, procurando nas entrelinhas dos “documentos” informações a respeito dessa maioria, cuja história foi por muito tempo negligenciada pela historiografia. Até o século XIX o que se percebia era um apego maior da historiografia ao estudo dos aspectos políticos da sociedade romana. No entanto, nota-se que a partir daí, influenciada pelo surgimento de novos métodos e pela busca por novos objetos de pesquisa, surge um interesse maior, no que concerne a antiguidade, pelo estudo da religião romana como fator determinante para as elites manipularem as massas.

Segundo essa vertente a religião seria o carro condutor das mudanças sociais e econômicas da civilização romana. Essa concepção vai se modificar a partir das décadas de 1960 e 1980, quando surgem novas perspectivas para se compreender como a religião romana se encaixa na sociedade como centro irradiador de outros pontos, tais como a economia, por exemplo. Nesse sentido, surgem estudos que busca enfatizar a importância da religião como forma de firmar a identidade de um dado grupo social, as suas especificidades conforme o território e o povo que cultuava determinados deuses, a quem são atribuídas diferentes funções conforme a localidade e a época em que são adorados.¹ Destacando-se ainda aí a importância de se estudar os rituais religiosos em várias épocas e províncias romanas, reconhecendo suas especificidades e seu impacto sobre a mentalidade do homem. Essa corrente de pensamento foi consequência da revolução historiográfica causada pela nova história cultural.²

O cenário de dominação ao qual se faz geralmente menção no estudo da civilização romana dá a entender, em um primeiro momento, que havia uma predominância do culto as divindades masculinas, ligadas a guerra. No entanto, o aspecto maternal e a fertilidade, representadas pelas deusas deu-lhes um lugar de destaque no panteão de deuses romanos. Retratado no presente trabalho pela forte presença do culto a deusa Vênus, nessa sociedade.

3. A religião pagã: paradigmas para uma sociedade

Desde o alvorecer da filosofia grega os homens viam no divino uma possibilidade de encontrar respostas para os fenômenos que eram incapazes de explicar. Os deuses eram vistos como uma das espécies que povoavam o mundo, junto com os homens e os animais. Além delas existia raças intermediárias: os heróis, estes eram resultado da união de um deus com um mortal, e os seres mágicos, como os gênios e os demônios.

A raça dos deuses era reconhecida pelas suas capacidades super-humanas, como a imortalidade, capacidade de ver o futuro e de alterar os fenômenos da natureza, considerados

¹ Para mais informações relacionadas a estas discussões ver SANFELICE (2010)

² Para informações mais detalhadas sobre o tema ver BARROS (2005)

ainda como tal por darem provas de sua inteligência superior. Eram assim designados também os grandes homens, como os imperadores, que buscavam mostrar sua magnanimidade ao povo demonstrando que eram descendentes destes serem divinos. Vale salientar que apenas um homem que fosse tão divino quanto os deuses poderiam imitá-los, daí isso só ser viável aos imperadores ou sacerdotes de alto escalão, caso contrário era considerado um ato de orgulho e irritaria as divindades. Entende-se aqui divino como um termo derivado de “*divinus*”, expressão que significava “superior”, “genial”, sem conter nenhuma matriz sagrada. Além disso, o povo não via os deuses sob a forma humana, eles só eram vistos dessa forma na mitologia. Quando alguém pedia ajuda para curar uma doença ou proteção, orava para uma imagem sem consistência, uma silhueta luminosa.

As relações dos deuses com os homens eram semelhantes à de um contrato, onde as duas partes teriam de ser beneficiadas. Quando se dirigia a um deus devia-se tratá-lo como um servo vai ao patrão, sem deixar de expressar-lhe honra, de forma que:

“Frequentava-se o templo dos deuses como os plebeus iam toda manhã a casa do patrício de que dependiam fazer-lhe a saudação matinal.” (VEYNE, 2008: p.74)

Apesar de todo esse respeito, dos homens para com os deuses, era esperado o mesmo pela outra parte, caso não fossem atendidas suas preces não havia nada que os impedisse de criticar o não cumprimento do “contrato”. Era comum, quando isso ocorria que o templo do deus fosse apedrejado ou queimado. Dessa forma podemos dizer que a relação dos homens com os deuses funcionava como a política no mundo dos homens. Somente em religiões de amor, como o judaísmo e o cristianismo, as relações com Deus se assemelham a de um pai com seus filhos ou de uma esposa com seu marido. Apesar disso, os deuses tinham o poder de aniquilar os homens, se assim quisessem, por isso era prudente obedecer-lhes e honrá-los.

Havia uma clara distinção do sentido de “os deuses” e “o deus”, enquanto o primeiro não designava nenhum personagem específico, eram responsáveis por conceder vitórias a Roma, dar graças aos homens e punir os maus, serviam também como base á esperança de todos, enquanto o segundo termo se restringia ao culto a um único deus, responsável por resolver um determinado problema, sua função, no entanto variava conforme a época e a

necessidade da sociedade, no caso da presente comunicação nos limitaremos a análise do culto à deusa romana Vênus.

4. Vênus: uma deusa multifacetada

Várias versões foram atribuídas para explicar o nascimento de Vênus, no entanto há algumas que ocupam um lugar de destaque nas narrativas dos antigos. A versão de que Urano, pai dos titãs, talvez seja uma das mais conhecidas. Segundo esse enredo temendo ser destronado por seus filhos, essa divindade os mantinha preso na barriga da sua esposa, Gaia, até que um dia ela incentivou um dos seus filhos, Cronos, a castrar o próprio pai. Seu sêmem caiu diretamente no mar e desse contato nasceu Vênus, já adulta e de uma beleza estonteante. Por isso seu nome significa “filha da espuma” ou “filha do esperma”, tendo ainda ficado conhecida como “bem coroada”, “amor de pênis” e “Urânia”. Esse enredo foi narrado por Hesíodo, na sua obra *Teogonia*, no século VIII a. C., onde lemos:

“E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. [...] O pênis, tão logo o cortando com o aço atirou do continente no urdoso mar, aí muito boiou na planície, ao redor branca espuma da imortal carne ejaculava-se, dela uma virgem criou-se.” (MARTINHO, 2003: p. 32)

Há outra hipótese para o nascimento da deusa, bastante famosa, difundida por Homero e Apolodoro, onde ela aparece como filha de Zeus e Dione³. Apesar disso, sabe-se que o culto a Vênus é muito mais antigo e complexo que as explicações citadas anteriormente. Suas raízes remontam a Mesopotâmia. Teria sido aí que os primeiros cultos e templos dedicados à deusa do amor e da fertilidade surgiram. Suas representações não se limitaram apenas a analogia a sexualidade, mas também a vitória nas guerras. A forma de cultuá-la variava conforme a época e o momento que a sociedade passava, paz, guerra, etc.

Dentre essas deusas cujo culto de Vênus se conecta temos o da deusa sumero-mesopotâmica Inanna, cuja identidade se misturou a de Ishtar, do mundo arcaico. É uma deusa caracterizada pela pluralidade dos sentidos de culto, considerada a protetora dos animais, das plantas, relacionada ainda a fertilidade e a sexualidade, além de assumir em

³ Dione: filha do Titã Oceano com Tétis, protegida de Hera.

outros momentos o cargo de deusa da guerra e da morte ou rainha do céu. A popularidade de Inanna se materializou no Período Acádio Antigo, quando Sargão I iniciou sua campanha e conquista sobre os sumérios. Conhecido por ser um hábil estrategista militar e excelente administrador, marchou também em direção ao oriente. Suas empreitadas lhe renderam a fundação de um grande império sumero-acádio, no qual difundiu e padronizou a língua acadiana como idioma universal.⁴

Diante de todas essas conquistas, Sargão I adotou como deusa pessoal Ishtar, cuja deusa equivalente seria Inanna. Acreditava que devia seus sucessos políticos e militares a essa divindade, de modo que ela adquiriu simultaneamente atributos da deusa que proporcionava a vida, no caso de ser a responsável pela consolidação desse vasto Império, e a morte, pois desrespeitá-la significaria o fim desse período de vitórias. De maneira quase maternal ela representava uma mãe que descontente com as ações do seus filhos não hesitaria em castiga-los.

Inanna/Ishtar foi a responsável pela legitimação da religião e das campanhas militares dos conquistadores acádios, além dos assírios e babilônios até meados do século I do primeiro milênio. Mais tarde sob a denominação de Afrodite e em seguida de Vênus seu culto chegou até o império romano.

As primeiras referências que se tem notícia do culto a Vênus em Roma datam de aproximadamente III a.C.. O primeiro templo dedicado a essa divindade fora construído depois da 2ª Guerra Púnica, fato que se deu mediante a transferência do templo da Vênus de Èrice, cidade da Sicília, onde a deusa era cultuada principalmente pelas meretrizes, embora mais tarde tenha assumido outras feições.

Aos poucos o culto a Vênus ganhou enorme prestígio e popularidade entre os romanos e por isso os templos em sua homenagem multiplicaram-se pelas províncias romanas. O que se percebe é que o culto da deusa ganhou mais notoriedade durante no período em que a dinastia Julio-Claudiana, iniciada por Otávio Augusto, em 14 a. C., até a época de Nero, por volta de 68 d.C., esteve no poder. Essa dinastia sustentava a idéia de que era descendente direta de

⁴ Ver mais em <http://labirintosdoser.blogspot.com.br/2012/01/hinos-inanna-e-ishtar.html>.

Vênus, tendo fundado um período de intenso culto a Vênus “Vitoriosa”, a quem deviam sua origem divina e todas as conquistas romanas. Apesar desse caráter mais voltado para a sua concepção como deusa guerreira, foi em Roma que multiplicaram-se as histórias sobre os amores e amantes, de modo a se cristalizarem a tal ponto que sua concepção como a mais bela e desejada entre as deusas sobreviveu até o Renascimento, e diríamos mais até a contemporaneidade.

5. Augusto, o filho de Vênus

Logo após a morte de Júlio César, seu sobrinho-neto que fora adotado por ele como filho, Caio César Otávio, assume o governo de Roma. Dando sequência à política do seu “pai” ele empreende campanhas para alargar as fronteiras e transformar Roma em um vasto Império, nomeando-se, em seguida, como *Augustus*, que significa divino, passando então a ser cultuado e adorado como um deus. Firmando-se ainda como tal através do controle sobre todas as esferas religiosas romanas ao assumir o cargo de supremo pontífice e na concepção de que sua família possuía descendência divina, especificamente de Vênus.

A família Otávia descende de umas das primeiras famílias a se instalarem em Velitras, umas das primeiras províncias romanas. Otávio Augusto nasceu durante o consulado de Marco Túlio Cícero. Desde cedo foi incentivado por Júlio César, a seguir os caminhos das letras sendo por ele enviado a Apolônia, importante centro acadêmico da época para estudar. Ao saber da morte do seu “pai” reivindicou sua herança e assumiu o governo de Roma, apesar das represálias de sua mãe e do seu padrinho Marco Fillipo, membro do consulado, cujos representantes inicialmente era contra permanência de Otávio no governo, por ele não ser de fato filho de Júlio César, por objetivarem cuidar da gestão de Roma por conta própria e não aceitarem a origem “humilde” da família do novo governante⁵.

Ao assumir o governo de Roma teve como aliados Marco Antônio, que mais tarde se tornou seu inimigo, e Lépido, em seguida apenas pelo primeiro e por fim sozinho, por 44 anos até sua morte.

⁵ A família de Otávio Augusto pertencia à classe equestre, na qual seu pai teria sido o primeiro a desempenhar uma função de certo prestígio, senador. Ver mais em SUETÔNIO (2002)

Um dos pontos que mais marcaram o início do seu governo foi o grande número de guerras empreendidas pelo imperador, a fim de encontrar o culpado pelo assassinato do seu “pai”. Suas conquistas militares renderam a Roma e seu governante um enorme prestígio frente aos outros povos. Buscando sempre enaltecer a fama do império, Augusto pediu ao poeta Virgílio Maro, que compusesse um poema capaz de eternizar toda a glória e poder de Roma, além de fazer menção ao imperador como um ser “divino”, aspecto que ele buscou cristalizar na mente do povo do início ao fim do seu governo. O pedido de Augusto teve como resultado a composição de um dos poemas mais épicos da história da América Latina, a *Eneida*.

Escrita em versos hexâmetros, ou seja, dividido em seis partes, essa obra relata as aventuras do herói troiano Eneias, que ao final da guerra de Troia segue em direção ao Lácio, onde ergue as primeiras muralhas de Roma.

Antes de sair em direção ao Lácio, Eneias recebe um escudo, de Vênus, onde fora gravadas uma série de imagens retratando o futuro glorioso de Roma, sem que o herói soubesse do que de fato se tratavam.

A primeira imagem do escudo conta o enredo da origem mítica de Roma, segundo a qual seus fundadores teriam sido Rômulo e Remo, filhos de Marte que teriam sido enviados à terra e sobreviveram do leite de uma loba até que um casal de humanos os encontrara.

No centro do escudo estava representada a maior de todas as conquistas dos romanos, a vitória na Batalha do Ácio, quando Otávio Augusto venceu Marco Antônio, em 31 a. C., pois esse evento foi o marco principal da consolidação do poder de Augusto e do seu império.

Ao longo da obra, Augusto aparece inúmeras vezes como o homem cujos deuses têm grande apreço, sendo auxiliado por eles inúmeras vezes. Nesse sentido a figura Apolo é evidenciada como o deus responsável pelo seu sucesso militar. No entanto será Vênus que roubará a cena como uma das personagens de mais importância, pois é dela que família de Augusto descende.

De acordo com a *Eneida*, Vênus teria lançado criado um elo com a raça humana, tomando a roupagem de genitora, mãe protetora, da linhagem da família Júlia, da qual Augusto descende, de modo a ressaltar a origem divina de Júlio César, concebido também como uma figura divina. Esse fato teria se dado por meio da relação amorosa de Vênus com o

pastor Aquises, por quem a deusa teria se apaixonado, em decorrência de um castigo de Zeus. Furioso e inconformado por ela permitir que os deuses se apaixonassem por mortais e com o intuito de fazê-la provar do mesmo veneno a faz se apaixonar pelo pastor. É desse amor nasce Eneias, o futuro fundador de Roma.

6. Considerações finais

Dessa forma, podemos concluir que o culto a Vênus, tida geralmente como a deusa do amor, da sedução e do sexo, adquiriu diversas outras conotações ao longo da história romana. Tendo ainda profundas raízes, que vão desde a Mesopotâmia até os dias de hoje. Seu nome e suas funções variaram conforme a época e a civilização que a cultuava, Innana, Ishtar, Afrodite, Vênus, são apenas algumas das denominações que lhe fora atribuídas.

Podemos perceber isso a partir de uma breve análise das diferentes conotações que o culto a Vênus ganhou desde a sua chegada a Roma, quando seu culto era resguardado mais as “meretrizes” até o império de Augusto, momento em que se tornou mais popular e serviu de base para a afirmação do poder desse soberano e da cristalização da noção de que ele era descendente direto da deusa e por isso deveria ser cultuado como um deus. Seus sucessores também se utilizaram dessa alegoria para firmar seu poder nos séculos seguintes. A grande fonte de difusão dessa idéia foi a obra *Eneida*, de autoria do poeta Virgílio, que aliou fatos históricos aos mitos greco-romanos para firmar a identidade divina augustina perante a sociedade romana. Dessa forma, podemos dizer que o culto a Vênus não se resguardou apenas a uma conotação, ao longo da história ela assumiu diversas funções, considerada deusa do amor e da sexualidade, protetora da virgindade, deusa mãe, chegando até mesmo a assumir o papel de “deusa da guerra”, como se verificou ao longo do trabalho, em Roma. Desmitificando assim a concepção de uma única imagem atribuída a esse personagem, cujas raízes se imbricaram a culturas muito mais antigas que a romana, como a mesopotâmica. O papel assumido por Vênus era uma questão de conveniência, ela assumia uma dada função conforme as necessidades da sociedade exigiam uma resposta divina, quando o homem não possuía respostas para certos fenômenos ou quando buscava firmar certa ideologia na mente do povo, como foi observado no caso da busca pela afirmação da soberania de Augusto como imperador.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Ana Carolina Caldeira. O império romano e sua religiosidade: o exemplo do culto de Ísis. NEARCO: revista eletrônica de antiguidade
- BARROS, José D' Assunção. A história cultural francesa – caminhos de investigação. Revista de História e Estudos Culturais. v.2. ano II. n.4.2005. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF5/ARTIGO%201%20-%20JOSE%20BARROS.pdf>. Acesso em 20 de março de 2013
- MARTINHO, Marcos e SUANO, Marlene. História Viva: Afrodite. Coleção deuses da mitologia. V.3. São Paulo: Duetto Editorial, 2003. p.34
- NASCIMENTO, Danniele Silva do, RÊGO, Nathália Pinto do Rêgo e RIBEIRO, Prisciane Pinto Fabrício. O escudo de Eneias: a representação da consagração de Augusto César. Cultura & Tradução. João Pessoa, v.1, n.1, 2011
- SANFELICE, Pérola de Paula. Amor e sexualidade em ruínas: as pinturas da deusa Vênus nas paredes de *colonia cornelia veneria pompeianorum*. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, 2012.p.111-116
- SANFELICE, Pérola de Paula. Sexualidade, amor e erotismo na Roma Antiga: as representações de Vênus nas paredes de Pompeia. OPSIS: Catalão. v. 10, n. 2. 2010. p.167-190
- SANFELICE, Pérola de Paula. Vênus e Marte: amor e sexualidade em conflito na História Antiga. NEARCO: revista eletrônica de antiguidade
- Suetônio. Otávio César Augusto. IN **A vida dos doze Césares**. Tradução: Sady-Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2002.p.88-181
- VEYNE, Paul. Os pagãos e seus deuses. IN **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.p.59-76
- Hinos á Inanna e Ishtar, disponível em: <http://labirintosdoser.blogspot.com.br/2012/01/hinos-inanna-e-ishtar.html>. Acesso em 23 de março de 2013